

**A ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL:
um olhar interdisciplinar a partir das coleções de livros didáticos de História e Língua
Portuguesa (PNLD, Guia 2018)**

Nádia Narcisa de Brito Santos¹

RESUMO: O nosso objeto de pesquisa é o livro didático, no qual, neste trabalho, a finalidade é pontuar aspectos acerca da escravidão negra no Brasil a partir de abordagens interdisciplinares nas coletâneas de História e Língua Portuguesa aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018 destinado ao Ensino Médio. Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa consistiram na revisão bibliográfica a respeito da temática, na análise da legislação vigente acerca dos livros didáticos e do tema em questão, assim como, das duas coleções mais adotadas da disciplina supracitada. O estudo tomou como base um roteiro semiestruturado, o qual possibilita a inclusão de novos questionamentos caso seja identificada a necessidade. Como aportes teóricos, tomamos os trabalhos de Alain Choppin (2004), Ivani Fazenda (2011), Herbert Klein (2006) e Jonh Thornton (2009). Consideramos que a mentalidade do educando acerca da sociedade e de sua identidade é construída durante o ensino escolar, e nessa trajetória se estabelece compreensões acerca da escravidão negra no Brasil, as quais são apresentadas na escola, primordialmente, por meio do livro didático que, por sua vez, de acordo com Choppin (2004), torna-se um dispositivo de memória no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, concordamos com Fazenda (2011) ao afirmar que a interdisciplinaridade vai muito além de integrar disciplinas, pois ela requer uma interação no agir e no pensar, nesse contexto verificamos que ao interagir com literatura, história, matemática e geografia, a compreensão sobre a escravidão negra no Brasil possibilita aos discentes um novo modo de enxergar a temática, visto que ao perceber a existência de diálogo entre os saberes a construção do conhecimento torna-se significativo para o discente.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Interdisciplinaridade; Escravidão Negra no Brasil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte do que está sendo desenvolvido em nossa dissertação no Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras na Universidade Estadual do Ceará, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Campus de Quixadá, sob orientação da Professora Doutora Isaíde Bandeira da Silva. Sendo assim, o que apresentamos são pontuações de uma pesquisa em curso.

¹ Cursa Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Campus de Quixadá (2018-2019), sob orientação da Professora Doutora Isaíde Bandeira da Silva. É bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É especialista em História do Brasil pela Faculdade de Ciência e Educação do Caparaó (2017). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) (2016). E-mail: nadiabrito45@hotmail.com.

O nosso objeto de pesquisa é o livro didático, no qual, neste trabalho, a finalidade é pontuar aspectos acerca da escravidão negra no Brasil a partir de abordagens interdisciplinares. Para isso, utilizamos as duas coletâneas mais adotadas de História e Língua Portuguesa aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018 destinado ao Ensino Médio. Com a finalidade de estabelecer a interdisciplinaridade, as coletâneas cumprem esse critério do Edital do PNLD/2018 das seguintes formas: a) interdisciplinaridade a partir da temática do texto estudado; b) na execução de atividade teórico-prática; c) nas interconexões com site, livros, filmes; d) pela retomada de contextos sócio-histórico; e) com especificações no Manual do Professor.

Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa consistiram na revisão bibliográfica a respeito da temática, na análise da legislação vigente acerca dos livros didáticos e do tema em questão, assim como, das coleções supracitadas. A escolha dos livros se deu pela verificação dos dados estatísticos disponibilizados pelo Fundo Nacional de Educação (FNDE), sendo as coletâneas: *História, Sociedade & Cidadania* de Alfredo Boulos Júnior (2016); *História Global* do autor Gilberto Cotrim (2016); *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* de William Cereja (2016, et. al.); *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem* dos autores Wilton Ormundo (2016) e Cristiane Siniscalch (2016). Doravante iremos designar siglas para indicar cada coletânea, na qual L refere-se a livro, H a História, P a Língua Portuguesa, 1 para a coleção em primeiro lugar em tiragens e 2 para a em segundo lugar em tiragens².

Ressaltamos, ainda, que este estudo tomou como base um roteiro semiestruturado, o qual possibilita a inclusão de novos questionamentos caso seja identificada a necessidade. Como aportes teóricos, tomamos os trabalhos de Alain Choppin (2004), Ivani Fazenda (2011), Herbert Klein (2006) e Jonh Thornton (2009).

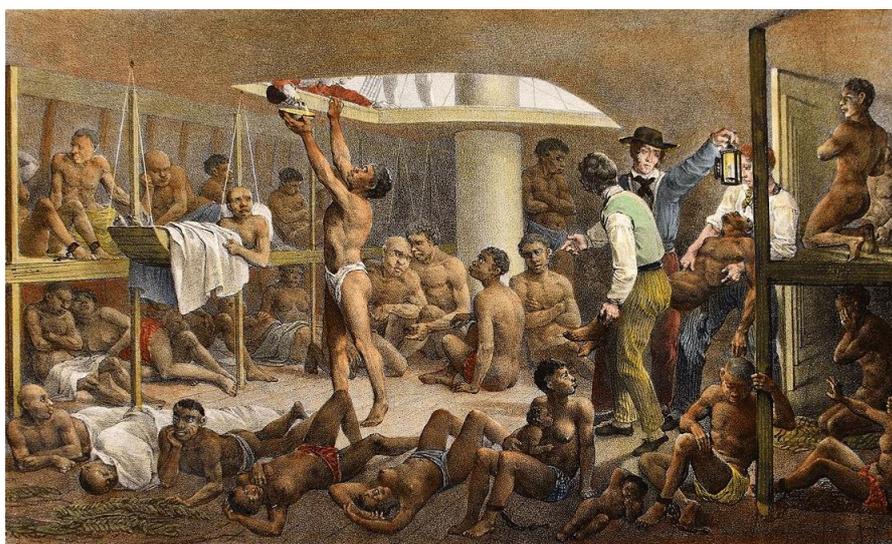
A ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL: um olhar a partir de abordagens interdisciplinar

² Número de tiragens: A coleção *História, Sociedade & Cidadania* teve os seguintes números de tiragens no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, respectivamente: 657.825, 539.643 e 469.999; *História Global* com 417.558, 335.622, 288.124, em cada ano do Ensino Médio; *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* com 1.159.823, 944.060 e 818.143, no 1º, 2º e 3º ano, respectivamente; A coletânea *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem* teve 435.794, 351.488 e 304.625, para 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, respectivamente. (FNDE – Serviço de Informação ao Cidadão).

Desde 2001 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), declarou o tráfico e a escravidão como crimes contra a humanidade, dentre os tipos de escravidão se enquadram as realizadas por cor, em especial as iniciadas pelo oceano atlântico no século XV da África para as Américas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 2018). Entre meados do século XVI ao XIX, período convencionalmente denominado de colonial e imperial, o Brasil ligou-se a África de maneira excruciante pela via da escravidão negra africana.

Os escravos e escravas negros africanos vindos para o Brasil eram procedentes das Áfricas Ocidental e Central. Angola, Luanda, Benguela, Kasanje e Congo eram alguns dos lugares de origem da mão de obra escravizada entre os séculos XVI e XIX nas terras brasileiras. Na travessia do oceano atlântico, o negro e a negra carregava em seu coração traumas: o primeiro, o conflito de sua captura para a escravização; o segundo, a condução em condições precárias a América, um mundo visto como o dos mortos por este sujeito, uma vez que, levava em conta que o cheiro do português era forte assemelhando-se ao odor da putrefação de cadáveres, isto é da morte (KLEIN, 2006). Segue-se uma reprodução – de Johann Moritz Rugendas, 1827 – dos porões dos navios nos quais estes sujeitos eram transportados.

Figura 22 – Os negros no fundo do porão, em gravura de 1827 por Johann Moritz Rugendas



Fonte: CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016a, p. 227.

Nos porões escuros e pequenos os negros e negras escravizados conviviam amontoados durante a travessia, sob a supervisão dos traficantes de escravos. A imagem em evidência está presente nas coleções LP1 e LH2. No LP1 a iconografia é utilizada para discutir a historicidade dos preconceitos e desigualdades no que tange aos brasileiros de cor escura. Nessa perspectiva, busca apoio nos conteúdos da disciplina de História para refletir a respeito do preconceito para com negras e negros na contemporaneidade (FAZENDA, 2011).

Ademais, o tráfico também é explorado no LP2 e LH2 tomando como artifício o poema *O navio negreiro* de Castro Alves, eis alguns trechos mencionados pelas coletâneas:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
[...]
(COTRIM, 2016b, p. 46).

[...]
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs.

[...]
Preso nos elos de uma só cadeia
A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!

[...]
No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
 Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...”

[...]
(SINISCALCHI; ORMUNDO, 2016b, p. 48).

Ambos os volumes procuram dialogar de maneira interdisciplinar entre Literatura e História ao concatenarem a análise de uma poesia com o contexto de escravidão no Brasil. A proposta do LP2 é que o discente analise o tema do poema e reflita sobre as rimas e métrica, o exemplar LH2 ressalta o poema enquanto documento passível de se conhecer a história, assim

como solicita ao discente, através de perguntas, a significação e sentido de algumas palavras na poesia.

Nesse sentido, cada disciplina realiza a interdisciplinaridade a partir do olhar de seu campo de estudo sobre a outra disciplina (FAZENDA, 2011). O poema *O navio negreiro* recorre a hiperbóles, exclamações e reticências, atributos marcantes na poesia de Castro Alves, o poeta conhecido como abolicionista partilha de um sentimento humanitário pela realidade escravagista, ao descrever, via memórias de negras e negros escravizados de sua infância, as condições e sentimentos vivenciados na travessia oceânica. A coletânea LP1 dedica a abertura de um capítulo para tratar da extinção do tráfico negreiro em 1850, além do surgimento de posicionamentos contrários à escravidão. Nessa contextualização afirma advir à terceira geração romântica que levava em consideração a relação do eu com o outro, do mundo interior e exterior. Para ilustrar essa assertiva o LP1 assevera a influência do poema *O navio negreiro* de Castro Alves a música *Todo camburão tem um pouco de navio negreiro* do grupo O Rappa, realizando, desse modo, um diálogo com a Arte ao propor a análise da referida música. O poeta Castro Alves, também narra, agora no LH2 a saudade e tristeza sentidas nas senzalas, por meio do poema *a canção do africano*:

A canção do africano

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades de seu torrão...
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E a meia voz lá responde,
Talvez p'ra não o escutar!
[...]
(COTRIM, 2016b, p. 234).

O poema é utilizado para resoluções das seguintes questões: “a) Faça uma pesquisa sobre Castro Alves. b) O autor contrapõe a vida dos negros no continente africano e no Brasil. Comente as características do modo de vida em cada um desses lugares. c) Em sua opinião, qual é a imagem da escravidão que autor pretende passar nesse poema?” (COTRIM, 2016b, p. 234). Nessa seção, no livro do professor aparece a frase “*Diálogo interdisciplinar com literatura*” destacada com letras cor-de-rosa, indicada para explicitar o carácter

interdisciplinar cumprido pela coleção conforme o Edital do PNLD/2018 e as DCNEM (2012).

Ao propor a interação entre as disciplinas, a coteânea não menciona no manual do professor ou mesmo na página onde encontra-se as perguntas, como o professor deve proceder para que a interdisciplinaridade ocorra. Conjecturamos que, para o autor da coleção, somente o fato de um livro didático da disciplina de História recorrer a poesia, que por sua vez, é um material do campo da literatura, o interdisciplinar estaria fincado, assertiva que caminha a contramão dos estudos teóricos sobre o tema. Conforme Fazenda (2011), a interdisciplinaridade “[...] essencialmente, consiste num trabalho em comum tendo em vista a interação das disciplinas científicas, de seus conceitos e diretrizes, de sua metodologia, de seus procedimentos, de seus dados e da organização de seu ensino.” (FAZENDA, 2011, p. 35).

O ato de não explicitar e nem dar margem na resolução de questões de como a interdisciplinaridade está sendo posta, consideramos, que recai para o professor a responsabilidade de conferir interação entre as matérias, visto que a instrução está destacada em letras rosa em seu material. Essa conduta abarca o que Fazenda (2011) considera de interdisciplinaridade na esfera da prática pedagógica, requerendo do docente uma atitude e habilidades de saberes que propicie novos questionamentos e novos conhecimentos (FAZENDA, 2011).

Na área da literatura, os livros didáticos de Língua Portuguesa remetem a escravidão negra no Brasil com a finalidade de contextualizar um período que marcou e reverbera hodiernamente em poemas e romances. A obra LP2, por exemplo, realiza um contexto histórico do Realismo-Naturalismo em letras pequenas, também em cor rosa, somente no livro do professor. No geral, a instrução rememora ao docente o Brasil na segunda metade do século XIX, em especial o movimento abolicionista, que desde 1850 começou, paulatinamente, a ser implementado por meio da proibição do tráfico internacional de escravos, pela Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários e Lei Áurea. Essa pontuação requer um estudo por parte do professor de Língua Portuguesa, para que este reflita e dialogue com os discentes sobre os elementos do Realismo-Naturalismo e sua relação com o contexto em que estava inserido.

Ao tomar como recurso o romance o livro didático LP2 apresenta *O cortiço* de Aluísio Azevedo, particularmente um trecho do capítulo XXIII em que Bertoleza, escrava

recém-fugitiva, a qual é localizada pelos seus “donos”, e para não retornar tira a sua própria vida. Considerado o “grande romance naturalista brasileiro”, *O cortiço* narra a história das vésperas da abolição da escravatura e instauração da república na cidade do Rio de Janeiro. O romance tem por personagens centrais o ambicioso e desonesto português João Romão e sua amante a quitandeira Bertoleza. João Romão angariou riquezas e construiu casebres com condições precárias e os aluga para famílias de poucas posses. Paralelamente, o texto narra a história do português Miranda que se muda para um confortável sobrado ao lado do cortiço, com sua esposa, filha e agregados (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016b, p. 95).

O cortiço exponencializa a discrepância financeiro-social entre dois mundos dispares e próximos da realidade do Brasil à época. Desse modo, a construção de um texto literário está envolto no ficcional, “[...] toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem.” (FERREIRA, 2009, p. 67). Nesse sentido, entendemos que a narrativa literária representa um tempo, envolvendo elementos ficcionais e reais em seu enredo. Corroborando com Pesavento (1998), os fatos narrados não expressam a verdade, mas comportam uma explicação do real conduzida pela sensibilidade do autor (PESAVENTO, 1998, 22).

Ao elucidar um olhar acerca da realidade por intermédio do romance de Aluísio de Azevedo, o LP2 descreve a conjuntura histórica vivenciada no romance, e realiza, assim, interação com a disciplina de História, requerendo, mais uma vez, diálogo entre os saberes. Ao dar margem ao protagonismo dos escritores da escravidão negra, indica no canto direito uma pequena biografia do negro Cruz e Sousa (181-1898), o qual teve educação formal graças a um protetor; o escritor defendeu ideias socialistas e a causa abolicionista, além de sua produção ser “[...] marcada pelo profundo sentimento de angústia espiritual. E não foram poucas as dores sofridas por ele: preconceito racial, solidão, pobreza, doença da mulher, morte dos filhos.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016b p. 122,).

Igualmente posicionada no canto inferior esquerdo em uma caixa amarela pequena, o LP1 apresenta uma cantiga de Guiné-Bissau registrada por Marcelino M. de Barros, sob o título de *Canto a uma escrava*.

Eu era uma triste escrava,
Ai! E que bem triste escrava,
Que vinha para embarcar.
O meu senhor vestiu-me

e zangado batia-me
com ramo de coral;
e pensave-me as chagas
co' o mais doce licor;
E limpava-me as f'ridas
com lenço de cambraia.
E eu era triste escrava
Que vinha para embarcar
- *que ben ba par bâte*
(CODENHOTO; DIAS VIANNA; CEREJA, 2016a, p. 20).

A cantiga protagoniza a mulher escrava que desterrada forçosamente de seu torrão, desembarca no Brasil para receber as chicotadas de seu “senhor”. A tristeza, dor e saudades são sentimentos transportados da África para a América, para além de meras “mercadorias” no vai e vem dos tumbeiros carregava-se pessoas, ideias, sentimentos, culturas, religiões, conhecimento. As trocas se estabeleciam entre continentes, no qual o atlântico foi o espaço de contato, de disseminação de ideias. Todavia, de acordo com Herbert Klein (2006), é válido ressaltar que sempre houve contato dentro do continente africano. Desse modo, o desenvolvimento do aparato náutico aproximou distâncias e as culturas, possibilitando as trocas de experiências em outras circunstâncias.

Para Thornton (2009), as trocas culturais também se estabeleceram no campo da religiosidade, as quais eram modificadas dentro do próprio continente africano, que para seus residentes a interação só os fortalecia. Desse modo, segundo o mesmo autor, a população escravagista aceitava o catolicismo e, muitas vezes, juntava-o as suas práticas religiosas. O LP1 trata em uma de suas seções a devoção dos escravos e escravas a Nossa Senhora do Rosário, assim como relembra a separação entre brancos e negros nos cultos religiosos, estes últimos precisavam construir suas próprias igrejas, a exemplo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Diamantina, Minas Gerais, século XVIII.

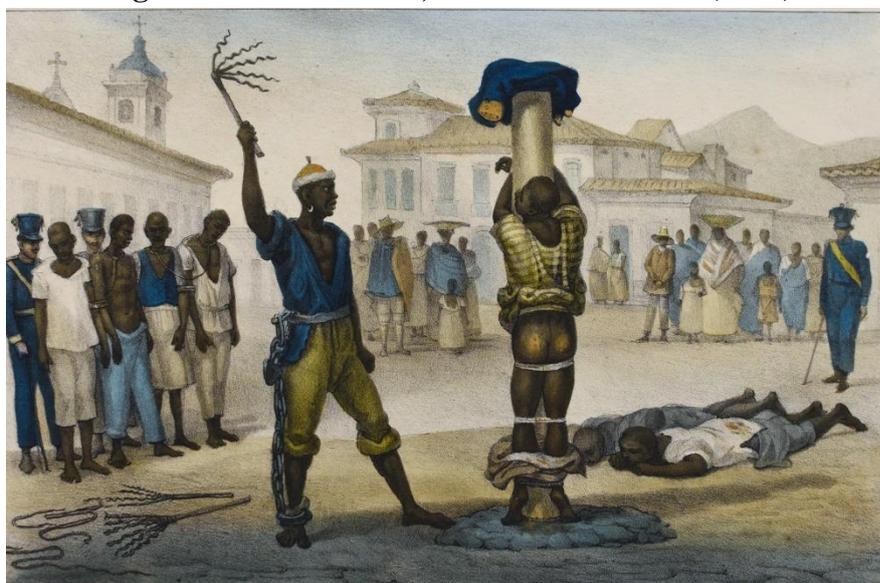
Nesse contexto, corroboramos com James Sweet (2007), ao afirmar que os negros e negras africanos ao encontrar indígenas e portugueses não descaracterizavam sua cultura, ela era reforçada nas Américas, visto que a multiplicidade já existia no continente africano, ou seja, a cultura para eles não era estática, pois, as misturas sempre existiram. Assim, é possível identificar traços do catolicismo nos cultos religiosos de matriz africana, como, por exemplo, a adoração a santos no candomblé.

O LP1 aborda a escravidão pelo olhar do Padre Antônio Vieira em seu sermão XIV, que evidência o nascimento de negros e negras a partir de sua vinda para a América, visto que nessas terras, segundo Vieira, tiveram a oportunidade de conviver com os filhos da Virgem

Maria. Padre Antônio Vieira utiliza de afirmações bíblicas para comparar o sofrimento de escravos com o de Cristo no calvário.

Consideramos que tanto o LP1 quanto o LP2 ao abordarem a escravidão e as práticas religiosas escravagistas, propiciam ao professor recorrer à disciplina de História a fim de compreender melhor os acontecimentos, tendo em vista que o material de Língua Portuguesa expõe apenas superficialmente sobre o tema. Desse modo, possibilita a parceria entre os docentes de ambas as disciplinas e/ou a pesquisa de aspectos conceituais e informativos, assim, nesse caso, a interdisciplinaridade ocorreria.

Figura 23 – Pelourinho, Gravura de Debret (1826)



Fonte: CODENHOTO; DIAS VIANNA; CEREJA, 2016a, p. 290.

Vestes inferiores retiradas, amarrados ao tronco e chicoteados, essa é a retratação, feita por Debret, em 1826, de muitos dos castigos pelos quais escravos e escravas padeciam na Colônia e no Império nas terras brasileiras. A exposição dessa iconografia e o sermão de Antônio Vieira são utilizados para solucionar questões gramaticais e interpretativas, mas em

nenhum momento estimula-se a reflexão sobre as condições a que eram submetidos estes sujeitos, assertiva percebida apenas nas coleções de História.

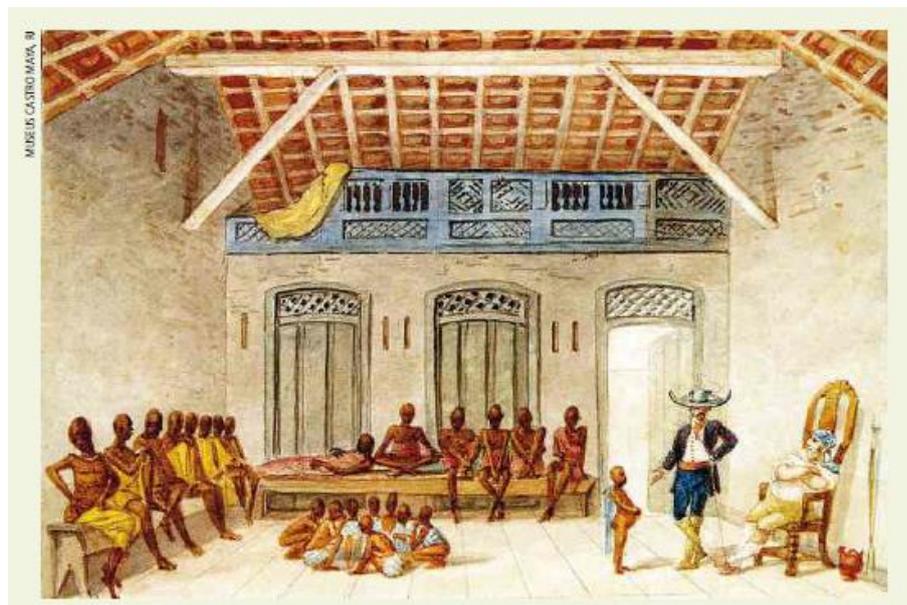
Em se tratando de História o exemplar LH2 aponta a obra *A cabana do pai Tomás* de autoria de Harriet Beecher Stowe e menciona as críticas que o livro recebeu como, por exemplo, ter ajudado a reforçar estereótipos a respeito da população negra dos Estados Unidos da América (EUA), a qual seria apresentada como dócil e conformista. Bem como, propõe a leitura aos discentes, além de indaga-los e estimulá-los a pesquisar acerca de livros e filmes que retratam a escravidão. Ao incentivar a busca de filmes o livro, em seu manual do professor, a coleção considera que este ato estabelece um diálogo com a disciplina de artes.

Na seção *interpretar fonte*, o mesmo exemplar considera tratar da interdisciplinaridade através da imagem intitulada de *Moagem de cana no engenho* de Benedito Calixto, elaborada com base no desenho original de Hercules Florence (1880). Nela, retrata-se um trapiche, ou seja, um engenho movido à força animal, em geral de bovino.

As indagações em torno da imagem contemplam o tema trabalho, categoria de análise expressa nas habilidades e competências dos PCNEM (2000). O labor escravista era mensurado conforme sua habilidade, assim os sujeitos foram classificados em: a) Escravas e escravos de ganho, realizavam trabalhos temporários em forma de pagamento que eram revestidos total ou parcialmente para seus proprietários; b) Do eito, trabalhavam nas plantações e mineração; c) Domésticos; d) Boçal, o recém chegado da África que desconhecia a língua portuguesa e o trabalho na colônia; e, e) Ladino, que entendia a língua portuguesa e já havia aprendido a rotina de trabalho (CHALHOUB, 1996).

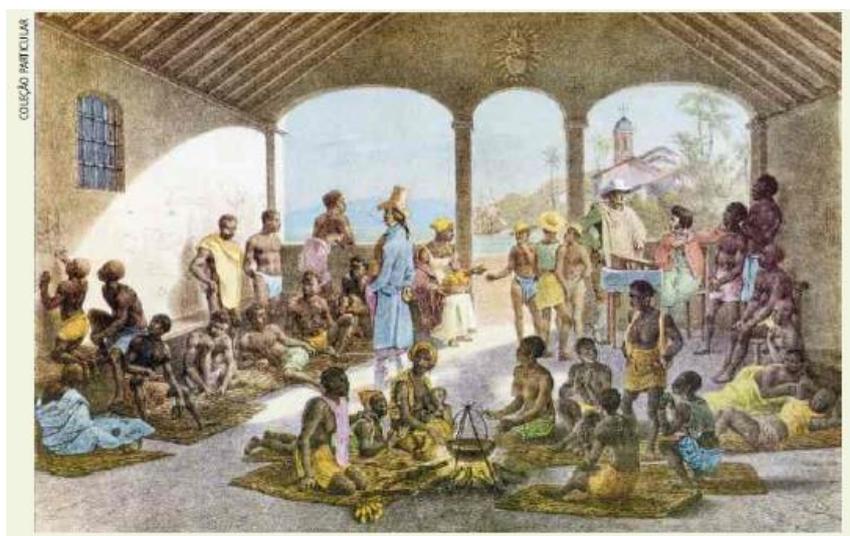
Das escravas e escravos do eito a seção *em destaque* aborda a extração de ouro de aluvião no início do século XVIII, por meio da qual a coleção considera ser interdisciplinaridade com Arte ao reproduzir as duas imagens seguintes:

Figura 25 – Mercado de escravos da Rua do Valongo, Jean-Baptiste Debret século XIX



Fonte: COTRIM, 2016b, p. 55.

Figura 26 – Mercado de escravos, Rugendas século XIX



Fonte: COTRIM, 2016b, p. 55.

Localizadas uma abaixo da outra, as iconografias reproduzem o mercado de escravos no século XIX no Brasil. Em seu manual do professor o livro LH2, dá margem para que este discuta com o discente as cores, época de produção, tema, cenário, número de personagens, atitudes dos personagens, condições físicas e roupas dos escravos. Assim como deixa claro a valia de um escravo e escrava, na mineração, por conta de sua inteligência para identificar os lugares propícios às minas, ressalta-se que esta sapiência foi negada pelo português para fins de submissão, escravidão e caracterização da negra e negro enquanto bárbaro (NETO, 2011).

Dessarte, segundo Herbert Klein (2006), tanto no tráfico como no tráfego a mão de obra era especializada, importava-se, antes de tudo, conhecimento, os sujeitos advindos da diáspora forçada carregavam consigo o conhecimento do cultivo do arroz, açúcar e das técnicas da busca do ouro.

Para além de dialogar com Arte o livro didático LH2 procura estabelecer interação com a geografia ao propor que o discente pesquise o que é assoreamento e como a atividade mineradora influenciava nesse fenômeno e no meio ambiente. Para Antonil (1982), os africanos e africanas escravizados eram as mãos e pés do português no Brasil. A coleção LH1 apresenta, pela via da matemática, o contingente populacional escravista nessas terras:

[...] a população escravizada estava assim distribuída: escravos do campo (agricultores, criadores e condutores de boiadas, pescadores, caçadores, carroceiros etc) constituíam 80% do total; trabalhadores dedicados à fabricação e ao beneficiamento do açúcar correspondiam a 10 %; os domésticos (cozinheiras, faxineiras, camareiras etc.) e artesãos (oleiros, pedreiros, ferreiros), juntos, compunham os outros 10 % (BOULOS JÚNIOR, 2016b, 76).

Os dados são mencionados a respeito do auge da produção açucareira entre meados do século XVI e XVIII. Duas imagens de Debret, posicionadas uma ao lado da outra pelo mesmo exemplar, salienta as demais atividades da população escrava.

Figura 27 – Comércio de quitutes e transporte de mercadorias, Debret século XIX

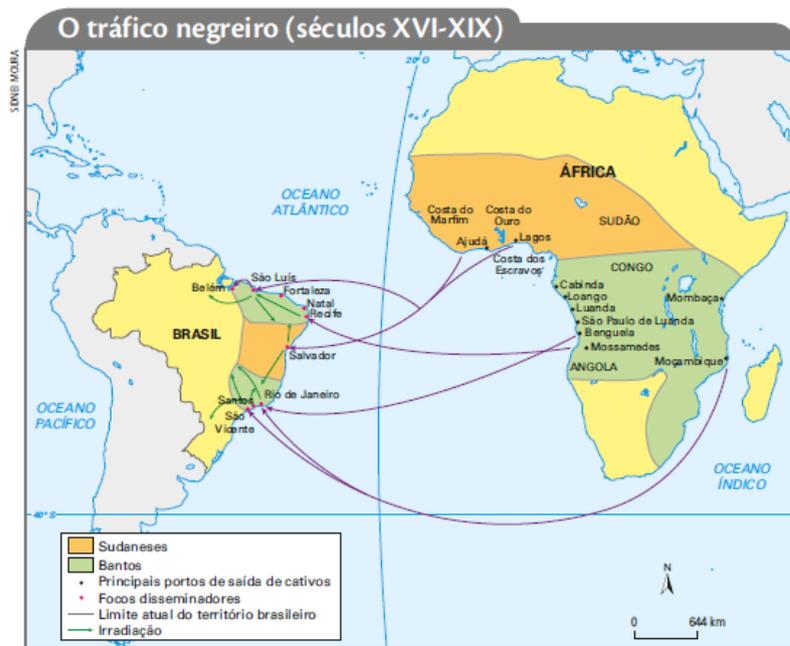


Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2016b, p. 65.

Mediante as imagens da coletânea LH1, o discente terá acesso a outras atividades exercidas pelas escravas e escravos urbanos como, por exemplo, construção de casa, chafarizes, transporte de mercadorias, venda de quitutes, assim como de suas vestimentas. Os aspectos ilustrativos do livro didático são os mais chamativos para o discente, conforme Alain Choppin (2004), o aluno constrói sua memória acerca dos sujeitos históricos ao longo do ensino escolar, nesse sentido a partir das iconografias os discentes constituem um retrato que ficará em sua memória.

O Brasil foi o país que mais recebeu africanas e africanos, estimativas avaliam que entre 10 e 20 milhões de escravas e escravos negros percorrem o atlântico em direção ao Brasil entre os séculos XVI e XIX, isso sem contar, por falta de registros, o tráfico ilegal após a proibição em 1850 (KLEIN, 2006). Com sua proibição ocorreu o aumento do tráfico de crianças, uma vez que, essas eram consideradas fáceis de controlar (KLEIN, 2006). A coletânea LH2 interage com a estatística para expressar em número do comércio escravagista no Brasil. Utilizando questionamentos, o presente livro incita a interpretação dos dados estatísticos com base nas informações discutidas no início do capítulo, acerca do crescimento do tráfico de pessoas negras africanas. Em seguida, o mesmo exemplar, buscando aportes na geografia, questiona o tráfico de africanas e africanos mediante um mapa.

Figura 29 – Tráfico entre os séculos XVI e XIX



Fonte: COTRIM, 2016b, p. 45.

Desta vez, o objetivo é que o discente observe o mapa e consiga identificar as regiões geográficas que mais concentravam a população escrava no Brasil, e de quais regiões provinham os africanos da África. Assim, concordamos com Fazenda (2011) ao afirmar que a interdisciplinaridade requer uma interação no agir e no pensar, que, conforme Rusen (2011) permite a construção de um conhecimento significativo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No decurso dessas breves pontuações verificamos um campo ainda em aberto no que tange as pesquisas em educação: a análise da interdisciplinaridade nos materiais didáticos. Consideramos que a mentalidade do educando acerca da sociedade e de sua identidade é construída durante o ensino escolar, e nessa trajetória se estabelece compreensões acerca da escravidão negra no Brasil, as quais são apresentadas na escola, primordialmente, por meio do livro didático que, por sua vez, de acordo com Choppin (2004), torna-se um dispositivo de memória no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, concordamos com Fazenda (2011) ao afirmar que a interdisciplinaridade vai muito além de integrar disciplinas, pois ela requer uma interação no agir e no pensar, nesse contexto verificamos que ao interagir com

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

literatura, história, matemática e geografia, a compreensão sobre a escravidão negra no Brasil possibilita aos discentes um novo modo de enxergar a temática, visto que ao perceber a existência de diálogo entre os saberes a construção do conhecimento torna-se significativo ao discente.

DOCUMENTOS

BOULOS JÚNIOR. **História Sociedade & Cidadania: 1º Ano**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016;

_____. **História Sociedade & Cidadania: 2º Ano**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016;

_____. **História Sociedade & Cidadania: 3º Ano**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016;

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2011;

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000;

_____. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o programa nacional do livro didático pnld 2018**. Brasília: MEC, 2015;

CEREJA, William Roberto; DIAS VIANNA, Carolina Assis; CODENHOTO, Christiane Damien. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v. 1;

_____. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v. 3;

_____. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v. 3;

COTRIM, Gilberto. **História global**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v. 1;

_____. **História global**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v. 2;

_____. **História global**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v.3

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016. v. 1;

_____. **Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016. v. 2;

_____. **Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016. v. 3;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: tatiaia/Edusp, 1982.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e Pesquisa – Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004;

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6 ed. Edições Loyola: São Paulo, 2011.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

NETO, Edgard Ferreira. História e Etnia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **UNESCO lembra necessidade de refletir sobre legado da história da escravidão**. Brasília, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da História e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Discurso histórico e narrativa literária** (Orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

RUSEN, Jorn. O livro didático ideal. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SWEET, James H. A adivinhação africana no contexto da Diáspora. In: _____. **Recriar África**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2007.

THORNTON, Jonh Kelly. Resistências, fugas e rebeliões. In: _____. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.